

# BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DA FITOPATOLOGIA NA UFRPE E CONSIDERAÇÕES SOBRE OS QUARENTA ANOS DA FUNDAÇÃO DO MESTRADO EM FITOSSANIDADE

**ROMERO MARINHO DE MOURA<sup>1,2,3</sup>**

<sup>1</sup>Academia Brasileira de Ciência Agronômica, Recife, Pernambuco.

<sup>2</sup>Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, Recife, Pernambuco.

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pernambuco, Instituto de Ciências Biológicas,  
Departamento de Micologia, Recife, Pernambuco.

Autor para correspondência: romeromoura@yahoo.com.br.

---

*I have longer been of the opinion that no man can have a full conception of any subject upon which he may specialize until he has studied the history of its development.*

A.H.R. Buller (1874-1944)

## **Nota do Autor**

Fui convidado pela Prof. Rosa Mariano para um pronunciamento gravado com imagem ao vivo para os Arquivos do Programa de Pós-Graduação em Fitossanidade, por ocasião da celebração dos seus quarenta anos de funcionamento. Em seguida, resolvi guardá-lo também na memória da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, que são seus Anais.

O ensino da Fitopatologia na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) teve início com a criação do Curso de Agronomia da Escola Superior de Agricultura (ESA)-São Bento, em Olinda, Pernambuco, em 1914. A responsabilidade pela disciplina, que se chamava Fitopatologia e Microbiologia Agrícola, até 1936, era da responsabilidade do monge beneditino D. Bento José Pickel, que se tornou um atuante fitopatologista. O Prof. Bento Pickel foi também responsável pelo laboratório de Botânica, Entomologia e Fitopatologia, deixando grande legado para o ensino e pesquisa da Fitossanidade em Pernambuco. Em 1936, com a desapropriação da ESA-São Bento pelo Governo do estado de Pernambuco e sua incorporação à

Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (Esap), quem assumiu a disciplina Fitopatologia e Microbiologia Agrícola foi o engenheiro agrônomo Paulo Parísio Pereira de Melo, formado em 1930, ainda pela ESA-São Bento, permanecendo na titularidade até 1944, quando faleceu prematuramente. Para substituí-lo, a Secretaria de Agricultura Indústria e Comércio de Pernambuco (Saic/PE) contratou, em 1946, o engenheiro agrônomo Augusto Chaves Batista, natural de Santo Amaro, Bahia, para as funções de pesquisador-fitopatologista do Instituto de Pesquisas Agronômicas (IPA) e de professor de Fitopatologia e Microbiologia Agrícola da então Universidade Rural de Pernambuco (URP), ambas, portanto, entidades estaduais.

Nos anos de 1940 existiam três instituições públicas no bairro de Dois Irmãos, município do Recife, Pernambuco; todas localizadas na área onde atualmente se encontram as instalações da UFRPE. Eram a Universidade Rural de Pernambuco (URP), com seus Cursos de Agronomia, Veterinária e Economia Doméstica, que funcionavam em instalações antigas, a maioria não mais existente; o Instituto de Pesquisas Agronômicas (IPA), com todas as suas Seções, inclusive a de Fitossanidade, composta pelos Setores de Fitopatologia e Entomologia. Finalmente, um laboratório do Ministério da Agricultura que produzia soro antiofídico e certas vacinas. A URP e o IPA ficavam, portanto, lado a lado e interagiam ativamente, sem muita burocracia, por serem órgãos pertencentes à Saic/PE. As lideranças da Fitossanidade do IPA eram os engenheiros agrônomos Mário Bezerra de Carvalho, entomologista, e Augusto Chaves Batista fitopatologista; na época, possuidor de boa reputação como cientista, pela sua competência em Micologia, refinada por especialização na Inglaterra. A Micologia era a sua principal área de interesse profissional, paralelamente às suas ações como fitopatologista. A primeira turma de Fitopatologia do Prof. Chaves Batista no Curso de Agronomia da URP foi em 1947. Segundo informações pessoais do professor e Acadêmico Titular da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica (APCA), que fazia parte dessa turma, Prof. José Henrique Cavalheira, ficou logo cedo evidente que as aulas do novo professor seriam marcadas por fortes exigências disciplinares e acadêmicas. A biografia do Prof. Chaves Batista foi publicada por Moura e Maia, nos Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, volume 10, 2013. Essa biografia deve ser lida especialmente por agrônomos, pois o Prof. Chaves Batista, como ficou mais conhecido, se

tornou personagem internacional na condição de Micologista, devido às suas publicações científicas em periódicos mais associados às ciências biológicas; nacionais e estrangeiras. As suas ações como fitopatologista ao longo da sua vida profissional, entretanto, foram discretas.

Em 1956 URP se federalizou, passando, inicialmente, para o Ministério da Agricultura, na época do Presidente Juscelino Kubitscheck de Oliveira. Com a federalização, surgiu a Universidade Federal Rural de Pernambuco. Na ocasião, foram construídas edificações modernas para a nova universidade, segundo um projeto arquitetônico arrojado para a época, similar ao Plano Piloto de Brasília. Na asa direita do avião, no primeiro prédio da parte térrea, passou a funcionar a Fitopatologia e na parte de superior a Entomologia, ambas atuando como disciplinas independentes do Curso de Agronomia. Portanto, os dois profissionais da Fitossanidade do IPA passaram a ter uma segunda casa; moderna, com excelentes bancas escolares e novos equipamentos básicos para o ensino e pesquisa. O IPA se mudaria para o bairro do Bongi, situando-se na avenida General San Martin, em 1960. Entretanto, a interação entre as duas instituições se manteria por meio do longo e efetivo programa de colaboração mútua, agora chamado “Acordo IPA-UFRPE”, que em muito beneficiou pesquisas agrônômicas e veterinárias e proporcionou o aproveitamento de novos talentos em ciências agrárias.

Estando sob uma nova ordem acadêmica e administrativa, a agora UFRPE teve que se adequar às normas universitárias federais. Assim sendo, foi necessário o preenchimento das regências das antigas cadeiras, que eram as unidades de ensino. As cadeiras eram “pertencentes” aos respectivos Professores Catedráticos; uma categoria muito contestada pelos estudantes, devido às atitudes autoritaristas daqueles docentes. Por não existir na época um Catedrático de Fitopatologia, foi promovido um concurso público para a regência da cadeira, que continuava sendo de Fitopatologia e Microbiologia Agrícola. Concorreram dois candidatos: Prof. Chaves Batista, inteligente, brilhante, pouco modesto, muito falante de voz forte e grave. O segundo, Dr. Clovis Silva Fernandes, igualmente inteligente e brilhante, porém modesto e introvertido. A banca examinadora contou com membros do Sul do país, com destaque para a presença do Prof. Ferdinando Galli, Chefe do Departamento de Fitopatologia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz (Esalq), em Piracicaba, São Paulo; na época o mais avançado centro de Ensino e

pesquisas agronômicas da América Latina. O selecionado foi o Dr. Chaves Batista, ficando Dr. Clovis Silva na condição de Adjunto. A UFRPE não funcionava em regime de tempo integral nem possuía atividades de pesquisa. O Prof. Chaves Batista, após deixar o IPA, passou a dividir o seu tempo como Diretor do Instituto de Micologia (Imur) da antiga Universidade do Recife (UR). O Imur havia sido criado pelo próprio Prof. Chaves Batista, no reitorado do Prof. Joaquim Amazonas. A UR ainda não possuía cidade universitária e o Imur funcionou por muito tempo na avenida Rosa e Silva, número 347, no bairro dos Afritos. Quanto ao Prof. Clóvis Silva, era especialista em Fisiologia Vegetal, Nutrição de Plantas e Microbiologia do Solo, dominando essas áreas com competência. Era efetivo do quadro de profissionais do Instituto Agrônomo do Nordeste (Ipeane), órgão de pesquisa do Ministério da Agricultura (ainda não existia a Embrapa), que ocupava as edificações onde atualmente se encontra instalado o Comando do Quarto Exército Brasileiro, no bairro do Curado. O Prof. Chaves Batista era o responsável pelas aulas teóricas e o Prof. Clovis Silva pelas práticas. O Curso de Agronomia obedecia ao sistema seriado e as cadeiras (hoje disciplinas) tinham duração de dois semestres. A Fitopatologia era oferecida na terceira série (terceiro ano) do Curso de Agronomia. Em 1964, ainda sob o regime seriado, fui aluno de Fitopatologia e Microbiologia Agrícola, conseqüentemente, aluno do Prof. Chaves Batista. Naquela época, a Fitopatologia não despertava interesse dos alunos. Quanto a sua apresentação teórica, Prof. Chaves Batista não indicava livro texto, pois não existia nenhum na língua portuguesa. Entretanto, existia uma grossa apostila, relativamente bem elaborada, com micrografias, especialmente de fungos, de sua autoria. Seus capítulos eram cobrados mensalmente aos alunos por meio de provas escritas, o que requeria considerável esforço de memorização. Em suas aulas, o Prof. Chaves Batista demonstrava ser possuidor de mente privilegiada e, talvez, por isso, exigisse tanto esforço de memorização por parte dos alunos. As suas aulas apresentavam, em certos momentos, aspectos teatrais, a julgar os seus gestos, o emprego de preciosismos literários, exemplos grandiosos etc. Eram ricas em citações de datas e de dados percentuais de perdas econômicas causadas por doenças epidêmicas ocorridas em diversos países. Eram especialmente lembrados a requeima-da-batata na Irlanda, que gerou a “Grande Fome” de 1885 e, também, o míldio-da-videira, responsável por

depressão econômica na França, também naquela metade do século dezenove. Sem dúvida, tratava-se de uma pessoa diferenciada, culta e motivadora, com atitudes bem diferentes das que predominavam entre os agrônomos da época. A sofisticação das suas apresentações de aulas teóricas contrastava com a simplicidade das aulas práticas do Prof. Clovis Silva que eram, entretanto, competentes e bem mais objetivas. A eficiência e singeleza das explicações do Prof. Clóvis Silva geravam interesse pelas técnicas laboratoriais, enquanto as atitudes e discursos do Prof. Chaves Batista eram estímulos à cultura geral e a intelectualidade.

Antes das férias do mês de julho, ainda do ano letivo de 1964, fui convidado pelo Prof. Chaves Batista para estagiar no Imur. Após a federalização da UR, que ocorreu na década dos anos 1950, a sigla do Instituto de Micologia passou a ser IMUFPE (Instituto de Micologia da Universidade Federal de Pernambuco). Concluído um ano de proveitoso estágio, transferi-me para a Seção de Fitossanidade do IPA, na condição de estagiário do Setor de Fitopatologia. A Seção, que era de Fitossanidade e ainda se encontrava sob a direção do Prof. Mario Bezerra de Carvalho, tinha como fitopatologista a competente Maria de Lurdes Nascimento de Aquino, ex-pesquisadora do Imur; portanto, micologista por treinamento. A sua graduação profissional, entretanto, era em odontologia. Ao me iniciar no laboratório, encontrei resíduos da passagem profissional do Prof. Chaves Batista na forma de lâminas permanentes de fungos, uma pequena micoteca, publicações diversas, separatas etc. Na Seção existiam estudantes estagiários de Entomologia, mas não de Fitopatologia. Em 1965, graduei-me em Agronomia e no primeiro dia de janeiro de 1966, após entrevista com um grupo de profissionais do IPA, composto pelos pesquisadores Mario Coelho de Andrade Lima (Diretor de da Divisão de Experimentação), Mario Bezerra de Carvalho (Chefe da Seção de Fitossanidade) e Dárdano de Andrade Lima (Diretor da Divisão de Pesquisa) foi aprovada a minha contratação. Em março do mesmo ano de 1966, fui para a Esalq, em Piracicaba, São Paulo, cursar o Mestrado em Fitopatologia, que foi concluído no início de outubro de 1967, portanto com uma duração de um ano e sete meses. Na Esalq, lembro que famosos expertises da agronomia, a exemplo do Prof. Eurípedes Malavolta, professor de Nutrição de Plantas, entre outros, ao me reconhecerem pernambucano, teciam elogios convincentes sobre a sabedoria e o conhecimento do Dr. Clóvis Silva Fernandez,

ressaltando o seu alto nível de competência. Em julho de 1967, o Prof. Chaves Batista visitou a Esalq, onde esteve com o Prof. Ferdinando Galli, Chefe do Departamento e Coordenador do Mestrado em Fitopatologia. Ao terminar o encontro, Prof. Galli me chamou à diretoria e pediu-me para acompanhar o Prof. Chaves Batista e o Dr. Cordeiro, pesquisador do IMUFPE, que o acompanhava na viagem. Fomos para local combinado do taxi; o pequeno lago em frente ao prédio da Fitopatologia. Ao se despedir, o Prof. Chaves Batista me afirmou que as portas do IMUFPE estariam sempre abertas para mim. Poucos sabiam que era seu desejo ter um agrônomo no Instituto, para poder criar um Laboratório de Fitopatologia, com bases agronômicas. Entretanto, como os empregos para agrônomos não eram difíceis de serem obtidos naquela época e pelo fato da Fitopatologia ser uma especialidade atraente naquela época no Nordeste, o seu desejo nunca foi satisfeito. Infelizmente eu não voltaria a ver o Prof. Chaves Batista, pois faleceu poucos dias após meu retorno ao Recife, em outubro de 1967. Foi uma morte precoce, em pleno ambiente de trabalho, aos 51 anos de idade (1916-1967).

Ficando isolado na cadeira de Fitopatologia e sem o apoio do IMUFPE, o Dr. Clóvis Silva completou com dificuldades o ano letivo de 1967. Por isso, ainda no ano de 1967, me convidou para a função de Auxiliar de Ensino de Fitopatologia. Juntos, dividiríamos as responsabilidades acadêmicas. Aceitei, pois já possuía experiência de sala de aula, na condição de professor de Geometria Analítica, exercida por quatro anos, no Colégio Universitário da UFRPE (Curso Pré-vestibular de Agronomia), ainda na condição de estudante de agronomia. Para facilitar, o Acordo IPA-UFRPE permitia esse acúmulo de funções. Em 1968, ainda no início do ano letivo, o Prof. Clovis Silva optou pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), recém criada, para trabalhar em tempo integral, encerrando as suas atividades na UFRPE. Como a cadeira de Fitopatologia e Microbiologia Agrícola não poderia ficar sem um regente efetivo, foi promovido um concurso público para preenchimento da vaga de catedrático. Inscrevi-me imediatamente. Quatro candidatos também se inscreveram. Entretanto, naquela mesma ocasião, ocorreu uma profunda reforma universitária concebida em Brasília, mudando as regras do jogo acadêmico. O sistema universitário do tipo seriado foi encerrado e sendo criado o sistema de créditos. Acabou-se a cátedra e, conseqüentemente, a

função de Professor Catedrático. Desapareceram também, lamentavelmente, as turmas consolidadas de alunos, que se formavam no sistema seriado, após quatro anos de convívio diário. Juntos, progressistas e conservadores defendiam fortemente as suas bandeiras e ideários. As antigas cadeiras que eram anuais foram transformadas em disciplinas semestrais e os alunos se dispersaram nos corredores. O Professor Catedrático passou a ser Professor Titular.

O concurso exigiu apenas prova de títulos e como apenas eu possuía pós-graduação *stricto-sensu* (Mestrado), fui o classificado. Tornei-me o primeiro docente da UFRPE com o título de Mestre e o primeiro Professor Titular, isso em 1968. Ao assumir as atividades docentes, convidei o biólogo José Luiz Bezerra, jovem e brilhante micologista e pesquisador do IMUFPE, para ser o Assistente. O Prof. Bezerra já havia colaborado com Prof. Chaves Batista nas aulas práticas. Iniciamos com a primeira turma em março de 1968. Era um grupo de jovens talentosos e por isso diversos se tornariam professores da UFPE e da UFRPE; casos do Prof. Yoni Valadares de Sá Barreto Sampaio; Prof. Rildo Satori Barbosa Coelho e do Prof. Arnóbio Gonçalves de Andrade, entre outros.

Trabalhando nas duas instituições no ano de 1969, iniciei no IPA um programa de estágios específico para Fitopatologia. Criei normas internas de ação para os estagiários em atividades dentro do laboratório e suas presenças, quando possíveis, em viagens ao campo, acompanhando técnicos da Seção. O programa teve início com dois estudantes: Antonio Maria Gomes de Castro e Rildo Sartori Barbosa Coelho. Ambos demonstram grande interesse pela pesquisa científica e muita dedicação ao estágio, permanecendo no IPA até as suas formaturas. Por isso, após as suas formaturas foram contratados com facilidade; o primeiro pelo IPA e o segundo pelo Departamento de Produção Vegetal (DPV/Saic/PE. O programa de estágio permaneceu nos anos seguintes, com novos estudantes. É importante ressaltar que muitos deles se tornaram profissionais de destaque, a exemplo de Romualdo Sena (pesquisador do IPA), Jorge Tavares (docente da UFRPE); Marcelo Cruz (docente da Universidade Federal de Alagoas) entre outros.

Naquele mesmo período, a Área de Fitossanidade da UFRPE, recém criada, recebeu um novo docente. Foi o engenheiro agrônomo José Nery da Silva Junior, que havia sido pesquisador do antigo Imur e exercido funções

de fitopatologista e de administração no Ipeane. O Dr. Nery, conforme ficou conhecido na UFRPE, já aposentado do Ministério da Agricultura (Ipeane), tinha contrato de Auxiliar de Ensino com a cadeira de Topografia do Departamento de Agronomia da UFRPE. Convidado para o grupo da Fitopatologia, aceitou e passou a se dedicar ao ensino e pesquisa. Em suas novas funções, o Prof. José Nery se revelou docente competente, de boa didática, relacionando-se muito bem com os estudantes. Defendeu com sucesso uma tese, tornando-se Livre Docente em Fitopatologia; na época um título equivalente ao de Doutor. Foi diretor do Departamento de Agronomia, tendo contribuído efetivamente com a organização e o funcionamento daquela unidade acadêmico-administrativa. O Dr. José Nery permaneceu no grupo da Fitopatologia o resto da sua vida profissional.

Em agosto de 1970, deixei o IPA e assumi o novo regime de trabalho da UFRPE: Regime de Tempo Integral e Dedicção Exclusiva (Retide). Logo em seguida, viajei para os Estados Unidos, para obter o doutorado (PhD) em Fitopatologia, na *North Carolina State University* (NCSU), em *Raleigh, NC., USA*. Para essa tarefa, que naquela época era feita com muitas dificuldades, recebi incentivos de colegas, especialmente do Prof. Mario Coelho de Andrade Lima, que era professor da UFRPE e pesquisador do IPA e uns dos poucos agrônomos pernambucanos que possuíam experiência internacional. Profissional polivalente e muito competente em termos de liderança, Dr. Mário Coelho passou a dar aulas de Fitopatologia durante a minha ausência e trouxe para ajudá-lo um estagiário do Setor de Estatística do IPA, meu ex-aluno Gilvan Pio Ribeiro (o laureado da turma de engenheiros agrônomos de 1970). Mais tarde, o Dr Gilvam Pio se tornaria um dos mais importantes docentes do programa de Pós-graduação em Fitossanidade da UFRPE. Durante a minha ausência, algumas aulas foram também dadas pelo professores José Luiz Bezerra, Espedito Meira Couceiro e José Nery da Silva Jr. Ao retornar ao Brasil, em 1974, no início do ano letivo de 1975, o Prof. José Luiz Bezerra foi convidado para ser o fitopatologista da Ceplac (Centro de Pesquisa da Lavoura do Cacau), em Itabuna, Bahia, para substituir o fitopatologista Arnaldo Gomes Medeiros, falecido inesperadamente. O grupo da Fitopatologia da UFRPE, em início de formação, ficou sem um micologista.

Aconselhado pelo Prof. Newton Pereira Stanford, da Área de Solos da



UFRPE, recém chegado do doutorado, fui à Piracicaba e convenci a engenheira agrônoma Maria Menezes, fitopatologista, aposentada pelo Ministério da Agricultura, em Fortaleza, Ceará, a se juntar ao grupo de Fitopatologia da UFRPE. Na ocasião, Maria Menezes estava sendo orientada pelo Prof. Eric Balmer e encontrava-se em final de doutoramento, trabalhando com a doença fúngica helmintosporiose do milho. Após aceitar o convite, chegou à UFRPE para ser a micologista do grupo. Essa brilhante profissional deu aulas de Fitopatologia na graduação e mais tarde de Micologia na pós-graduação, tendo atingido nível de excelência profissional, de extraordinária orientadora e Pesquisadora 1 A do Cnpq. Nessa mesma época surgiu no grupo da Fitopatologia uma jovem e talentosa estagiária: Rosa de Lima Ramos Mariano, que se formou em 1974. Inicialmente identificada como dedicada estagiária, tornou-se, mais tarde, docente brilhante e muito atuante. Obteve o título de Mestre na Universidade Federal de Viçosa e de PhD na Universidade da Geórgia, USA, trabalhando com bactérias fitopatogênicas. Seu brilhantismo a levou à condição de Pesquisador 1 A do CNPq. Finalmente, outro competente profissional que se juntou ao grupo foi o ex-estagiário de Fitopatologia do IPA, Rildo Sartori B. Coelho, já mencionado, que se transferiu da DPV/Saic para a UFRPE, onde desenvolveria carreira de docente, pesquisador, orientador de pós-graduação e funções administrativas, chegando a Vice Reitor. O Prof. Rildo Sartori, atualmente aposentado, possui os títulos de Mestre pela Universidade Federal de Viçosa e o de Doutor pela Esalq. É especialista em controle químico e genético de doenças de plantas cultivadas.

Em 1975, os grupos de fitopatologistas e de entomologistas da UFRPE se associaram à idéia da criação do Mestrado em Fitossanidade. Para isso, foram realizadas reuniões discursivas para organização de um curso multidisciplinar, envolvendo Fitopatologia, Entomologia e Matologia. Concluído o projeto, foi o mesmo imediatamente submetido ao Conselho Técnico Administrativo (CTA) do Departamento de Agronomia (Depa), onde foi aprovado, ainda em 1975.

Não existiam Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação nem Normas Gerais para Cursos de Pós-graduação *stricto senso*. Infelizmente, não existia também desejo institucional para criação do Mestrado. Em termos de pós-graduação na época, a UFRPE possuía apenas uma unidade para administração de cursos de pós-graduação *lato-senso*; o Centro de Aperfeiçoamento e

Especialização (CAE), dirigido “eternamente” pelo químico Prof. José Pires, que satisfazia plenamente aos anseios da Reitoria. Na década de 1970, as administrações universitária eram fortemente alinhadas à política ditatorial vigente, que desaconselhava a criação de grupos dentro das universidades. O Mestrado em Fitossanidade seria um grupo diferenciado. Apesar das dificuldades, o projeto seguiu adiante. As reações internas na UFRPE contrárias à criação do Curso foram severas. Com relação à idéia original e ao projeto, foram contestadas as inscrições de biólogos e de outras profissões alinhadas à Fitossanidade, alegando competição profissional irregular. Também, muitos eram contrários à exigência de título de Mestre para regência de disciplinas e de Doutor para orientação de dissertação. Entretanto, por ser representante dos Professores Titulares do Depa no Conselho Universitário, a minha presença nas sessões ordinárias e extraordinárias do Conselho me possibilitava responder às críticas ocasionais feitas por conselheiros à criação do Curso. Finalmente, quando foi anunciado oficialmente o encaminhamento do projeto ao Conselho Técnico e Administrativo (CTA) do Depa as críticas se intensificaram. Senti, pelo desconforto que muitos demonstravam na Reunião Plenária que antecedeu a apreciação do pleito, que as minhas dúvidas haviam se transformado em certeza; ou seja, a de que o Projeto não seria aprovado. Entretanto, como se faz na Fitopatologia, tomei medidas preventivas. Em meio aos veteranos conservadores docentes da UFRPE, havia um idealista lutando também pela criação do Curso. Foi exatamente a quem recorri; o já mencionado Prof. Mário Coelho de Andrade Lima. Muito doente, em processo terminal de saúde, fui visitá-lo em sua residência. Disse-me, então, que estaria presente à reunião do Conselho, nem que essa fosse sua última missão na UFRPE. Estiveram presentes comigo nessa visita os colegas Carlos Alberto Tavares e Mário de Andrade Lira (filho do Dr. Mario Coelho). No dia da reunião, muito pálido e andando com dificuldade, o Dr. Mario Coelho tomou assento e ouviu a minha apresentação e as minhas respostas às críticas e indagações feitas pelos Conselheiros. Dr. Mário interferiu em algumas ocasiões, sempre em defesa do Projeto. Finalmente, quando submetido à votação, verificou-se a aprovação da matéria. Estava criado o primeiro Curso de Mestrado da UFRPE e designado o primeiro Coordenador, por meio da Portaria 173/75-GR, de 21 de julho de 1975, do Conselho Universitário que teve os seguintes termos:

Portaria 173/75-GR, de 21 de julho de 1975

“Resolve designar o Professor Titular Romero Marinho de Moura, Coordenador *Pró-Tempore* do Curso de Mestrado em Agronomia, com área de concentração em Fitossanidade, devendo o mesmo tomar as providências que se fizerem necessárias para formação do Colegiado do referido Curso.”

Sala dos Conselhos, 21 de julho de 1975.

O Dr. Mario Coelho, lamentavelmente, viria a falecer no início de 1976.

Enviado à Brasília, o Projeto foi aprovado sem restrições pelo Ministério da Educação. De imediato, o Curso foi autorizado a funcionar e o orçamento inteiramente aprovado. Com isso, foram conseguidas as duas vagas solicitadas para Professores Visitantes, ao nível de Professor Titular, por um período renovável de quatro anos. Os dois professores contratados foram Everardo Valadares de Sá Barreto Sampaio, Ph.D pela Universidade da Geórgia, USA, para a disciplina Doenças Abióticas, e o Dr. Onofre de La Rosa Paguio, filipino, virologista, Ph.D também pela Universidade da Geórgia. Dr. Onofre se encontrava contratado pelo departamento de Fitopatologia daquela Universidade, na condição de pós-doutorado. Ambos cumpriram efetivamente os seus contratos. Com isso, a Fitopatologia passou a contar com o seguinte elenco de professores, listados com as suas respectivas disciplinas: Romero M. Moura; Princípios e Métodos em Fitopatologia e Fitonematologia, Rosa Ramos Mariano; Fitobacteriologia, Rido Sartori B. Coêlho; Controle de Doenças de Planta, Onofre de La Rosa Paguio e Gilvan Pio Ribeiro; Fitovirologia, Everardo V.S. B. Sampaio; Doenças Abióticas e José Nery da S. Junior; Fitopatologia Geral. Na condição de docente de disciplinas obrigatórias básicas, houve efetiva participação do Dr. Arnóbio Gonçalves de Andrade; Bioquímica, Dr. Mário de Andrade Lira; Melhoramento Vegetal e José Antonio Aleixo e Israel Pereira da Silva, responsáveis pela disciplina Estatística Experimental. Essa era a estrutura básica do ensino da Fitopatologia do Mestrado. Disciplinas eletivas eram também oferecidas, inclusive em outros departamentos. Por se tratar de um programa em Fitossanidade, os docentes da Entomologia participaram igualmente com as suas disciplinas, sendo os pioneiros do Curso os professores Antonio de Souza Leão Veiga, José Vargas de Oliveira, Reginaldo Barros e do biólogo Geraldo Pereira de Arruda, cada um com sua respectiva disciplina. O setor de Matologia

(ervas invasoras) não foi implantado, devido à morte prematura do jovem líder da disciplina no Depa; o engenheiro agrônomo professor Jorge Sales. Compondo o grupo da Fitopatologia, havia um laboratorista, o Sr. Odilon, e um servente, Sr. Reginaldo Bispo. A secretaria do curso ficou por conta de uma nova profissional contratada pelo Curso. O início das atividades ocorreu nas instalações da Fitopatologia, ainda no prédio principal da UFRPE, que eram modestas em dimensões. Possuía apenas a sala do Coordenador, uma pequena secretaria, uma sala para aulas teóricas, que comportava 50 alunos, aproximadamente, e um laboratório, localizado na parte posterior. Essas instalações, em bom estado de conservação, não comportavam um novo curso. Ao ser consultada sobre a questão, a Reitoria cedeu o edifício Otávio Gomes que se encontrava abandonado, inacabado há anos, situado na Praça de Dois Irmãos. Com recursos do próprio Curso foi feita a necessária recuperação dos dois primeiros andares. Com muita dificuldade, foram concluídos o controle dos cupins e dos morcegos, que literalmente habitavam o prédio. Toda as partes estruturais e as instalações hidráulica e elétrica foram recuperadas. Com a participação dos professores, foi criada uma planta baixa para a instalação de salas e laboratórios. A aplicação das divisórias, ficou sob a coordenação da arquiteta Dra. Maria Alice, da UFRPE. Em seguida, ocorreu à mudança. O terceiro andar viria a ser ocupado pelo mestrado em ciência do solo, no ano seguinte, sob a direção do Prof. José Pereira Leite, parceiro e amigo do grupo de Fitossanidade. O Mestrado em Fitossanidade havia abeto às portas para a Pós-graduação *stricto sensu* na UFRPE.

Em 1976, os concluintes do Curso de Engenheiro Agrônomo me honraram com o título de Patrono: Turma Prof. Romero Marinho de Moura. Essa homenagem, associada às demais dos anos anteriores, trouxeram-me orgulho pessoal, porque a Fitopatologia, antes um disciplina que não despertava o interesse dos alunos, agora se mostrava apreciada, com diversos alunos se dedicando à essa importante ciência agrônômica.

A partir de 1976, não mais ministrei aulas para turmas de graduação. Passei a me dedicar exclusivamente à administração e ao ensino e pesquisa da Pós-graduação em Fitossanidade. Ainda em 1976, recebi pela primeira vez, a Bolsa de Produtividade do Cnpq, permanecendo, por meio de renovações periódicas, até 2015. Estive, por 17 anos, na condição de Pesquisador 1-A. Fui representante das ciências agrária no Conselho Deliberativo do Cnpq,

por dois anos, e tive dois mandatos como representante da Fitopatologia no Comitê Assessor de Agronomia (CA/AG) do Cnpq. Todas essas minhas participações, que foram por indicação da comunidade científica nacional de fitopatologistas, ajudaram muito na credibilidade das ações do Mestrado em Fitossanidade.

A despeito do sucesso acadêmico do Curso, a burocracia exagerada e a falta de um apoio efetivo da Reitoria, dificultavam o andamento das coisas. Por exemplo, mesmo diante das fortes reações do pessoal docente com maior interesse acadêmico, arbitrariamente, as vagas para Professor Adjunto que chegavam de Brasília eram transformadas arbitrariamente pela Administração Superior em duas ou três de Assistente 1, fato possível possível na época. Essas decisões atrasaram em muito o desenvolvimento acadêmico e científico dos departamentos e especialmente do Curso de Fitossanidade. A Biblioteca Central se encontrava defasada, sem o mínimo de contato com a realidade científica vigente, sem recursos e sem perspectivas de melhoras. O transporte adquirido para o Curso, com dinheiro do Projeto e que era fundamental para os deslocamentos de professores e alunos para o campo (Fitossanidade é uma ciência que se ensina com o aluno em contato com o agricultor) foi confiscada pela Reitoria, para servir à Seção de Compras e não foi mais recuperada. Mesmo assim, o Curso evoluiu graças à dedicação e competência dos seus docentes e, principalmente, graças aos convênios celebrados com a *University of Georgia, campus de Athens, GA.*, e com a *North Carolina State University (NCSU), campus de Raleigh, NC.*, Esses convênios eram firmados por meios de memorandos de entendimentos, sempre assinados pelo Coordenador do Mestrado em Fitossanidade e por autoridades das instituições estrangeiras, ouvindo-se o Depa e o Conselho Universitário. O primeiro, acordo foi com a UGA, assinado em 22 de setembro de 1975, e o segundo, com a NCSU, em 19 de janeiro de 1976.

O Memorando de Entendimento com a Universidade da Geórgia, que foi o pioneiro, por exemplo, foi bem específico quanto aos seus propósitos acadêmicos, podendo ser lido no primeiro parágrafo da sua apresentação:

*“The Federal Rural University of Pernambuco will establish in September a post-graduate program in Plant Protection. To build a sound academic program supported by an adequate research base, the Federal Rural University will need outside assistance in a number of areas. The Federal Rural University, therefore, proposes to obtain the services*

*of the University of Georgia's College of Agriculture to advise in the establishment of its new graduate program*".

Os itens acordados no documento foram: Apoio bibliográfico (*Library Support*); orientação técnica (*Advisory Assistance*); treinamento nos níveis de PhD e pós-doutorado (*Training at PhD e Post-doctor levels*) e consultoria de curto prazo (15 dias) (*Short-term consultants*).

Financiado pela Capes, Cnpq e pela organização *Partners of the America* (Companheiros das Américas), as consequências positivas deste programa de colaboração foram extraordinárias. Como reconhecimento de mérito, após anos de funcionamento, UFRPE recebeu o prêmio *Nicole Castricone*, (melhor programa financiado pelos *Partners*). O diploma concedido foi recebido pelo Prof. Romero M. de Moura, em Washington DC, (USA) e se encontra à mostra em um quadro no Núcleo do Conhecimento Prof. João Batista de Oliveira Santos, na Biblioteca Central da UFRPE, Sede da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica (APCA).

O histórico e o relatório de todas as atividades concernentes ao convênio com a Universidade da Geórgia (1975-1990) foram publicados em apresentação bilíngüe nos Anais da APCA, volume 2, ano 2005, por Romero M. Moura. O Prof. Dr. Darl E. Snyder, que era o Coordenador dos Programas Internacionais da UG, com diversas visitas à UFRPE, foi uma das figuras centrais do Acordo UGA/UFRPE.

Igualmente eficiente, foi a participação do Mestrado em Fitossanidade no *International Meloidogyne Project* (1976-1990). O Dr. Joseph N. Sasser, Nematologista da NCSU foi o grande nome do Acordo, em termos de interações institucionais e ajuda às pesquisas em Nematologia na Pós-graduação em Fitossanidade.

A Pós-graduação *stricto sensu* na UFRPE funcionou durante as suas primeiras décadas sob a regência das Normas Gerais de Ação que eram provisórias, contidas no projeto inicial do Curso de Mestrado em Fitossanidade. Após quase dez anos de funcionamento, visando à modernização, e à luz da experiência advinda do cotidiano acadêmico, foram elaboradas pela Coordenação do Curso as novas e definitivas: "Normas Gerais da Pós-Graduação *stricto sensu* da UFRPE". A aprovação desse documento se deu por meio da Resolução 117/86, de 12 de setembro de 1986, do Conselho de Ensino e Pesquisa e as Normas se aplicavam a todos os Mestrado em funcionamento na UFRPE.

Encontrava-me em programa de Pós-doutorado na Universidade da Geórgia, em *Athens* (1991-1993), quando reuni diversos colegas da UFRPE que se encontravam naquele *campus*, em programas de pós-graduação, para discutirmos a criação do Doutorado. Compareceram às reuniões José Antonio Aleixo, Alberto Fabio Carrano, Rosa Guedes e Gilvan Pio Ribeiro, todos ligados ao Mestrado de Fitossanidade da UFRPE. Voltando ao Brasil com as idéias formatadas sobre o novo Curso, assumi, pela segunda vez, a Coordenação do Mestrado. Agora, assessorado pelo colega Gilvan Pio Ribeiro, redigimos o novo projeto que, após trâmite legal, foi aprovado, inclusive na Capes. Naquela ocasião os Cursos do Programa de Pós-Graduação em Fitossanidade, por necessidade acadêmica, passaram a ser Mestrado e Doutorado em Fitopatologia, não mais em Fitossanidade. A Entomologia e a Fitopatologia resolveram se tornar independentes, permanecendo, entretanto, como componentes do Programa de Pós-Graduação em Fitossanidade.

Com a nova programação de doutorado, mais interações institucionais se fizeram necessárias para apoiar às ações acadêmicas. Essas ações eram necessárias para compra de equipamentos de pesquisa, substâncias químicas, reagentes e corantes e pagamentos de horas-aula para os docentes. Nesse sentido, podem ser destacadas as edições do Curso de Especialização em Fitossanitarismo, realizadas em convênio com o Ministério da Agricultura e, também, duas edições do Curso de Especialização em Cana-de-Açúcar; este por meio de convênio entre a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRPE e o antigo Ministério da Indústria e Comércio (MIC). Para a aprovação e execução desses programas, as ações de três engenheiros agrônomos foram fundamentais: as do competente fitopatologista pernambucano Bento Dantas de Oliveira, assessor do Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRPE, do engenheiro agrônomo Gildo Calábria, técnico do MIC e do Prof. Romero M. Moura, Pró-reitor da PRPPG/UFRPE e professor de algumas disciplinas nos dois cursos.

É interessante lembrar que a primeira defesa de dissertação do Mestrado em Fitossanidade na UFRPE ocorreu de forma glamorosa. O local escolhido foi o Salão Nobre, onde compareceram muitas pessoas, inclusive convidados ilustres; internos e externos. A Reitoria e os Conselhos Superiores celebraram o acontecimento. Para secretariar o evento, foi convidada a Senhora Maria de Lurdes Penante, Secretária da Reitoria. Tratava-se de pessoa de alta

competência administrativa, obtida ao longo de muitas décadas de serviço e dedicação à instituição e ao Serviço Público Federal. O modelo da ata que foi elaborada para o evento permaneceu o mesmo por muitos anos, mudando-se, nas seguintes, apenas os dados relativos de cada defesa. A candidata foi a bióloga Uided Cabus Maaze, o orientador o professor Romero M. Moura; e os co-orientadores os professores Everardo Sampaio e Arnóbio Andrade. A dissertação teve por título: **Interações entre *Meloidogyne incagnita* (Kofoid & White, 1919) Chitwood, 1949 e deficiências nutricionais em tomateiro (*Lycopersicon esculentum* Mill.)**. A banca examinadora contou com os professores: Dr. Romero Marinho de Moura, Presidente; o Dr. Clóvis Silva Fernandez, pesquisador da Embrapa, e o Dr. Liu His Pin, fitopatologista Ph.D, do Planalsucar, ambos, membros externos. A defesa foi brilhante e a primeira mestranda, logo após a diplomação se tornaria, por concurso público, docente da UFRPE, onde prestou longa folha de serviços ao Departamento de Biologia e, também, ao Departamento de Micologia da UFPE. Ironicamente, a Profa. Uided, que mais tarde obteria o título de Doutor, era bióloga. Essa foi a primeira de uma série memorável de defesas de Mestrado e mais tarde de Doutorado do Programa de Fitossanidade da UFRPE, que se estenderia até os dias de hoje.

Os programas de Pós-graduação em Fitossanidade da UFRPE estão cada vez melhores e bem avaliados pela Capes, graças ao esforço e dedicação das gerações de docentes que vieram após os pioneiros. Foram diplomados significativo número de profissionais, que hoje ocupam posições no ensino e pesquisa ou se encontram associados à iniciativa privada, nas diferentes regiões geográficas do Brasil. Igualmente, muitos estrangeiros, vindos de diversos países da América Latina, foram treinados e retornaram aos seus países. A Fitopatologia e Entomologia, portanto, haviam deixado a condição de simples disciplinas do Depa/UFRPE. Efetivamente, haviam passado à condição de formadoras de recursos humanos especializados para o país.

Hoje se pode afirmar, com certeza, que o compromisso assumido em 1975 pelos pioneiros da Fitossanidade da UFRPE, no sentido de colaborar com o processo de formação de recursos humanos especializados, foi rigorosamente cumprido.

Analisando-se, por exemplo, o quadro docente da UFRPE, no que concerne à sua renovação, verifica-se que ocorreu significativa participação



do Programa de Pós-graduação em Fitossanidade. Com efeito, na atualidade, existe um mínimo de dez docentes, muitos dos quais Professores Titulares, que completaram as suas pós-graduações nos programas Pós-graduação em Fitossanidade, Dois Irmãos, antes de serem contratados. No IPA, esse número excede a 15.

Atualmente, os Cursos de Mestrado e de Doutorado em Fitopatologia e Entomologia da UFRPE são realidades nacionais. O somatório dos seus méritos deverá ser contado no futuro como grandioso, considerando-se as competências das lideranças atuais e das novas gerações que virão, as quais, com certeza, continuarão a ser selecionadas à luz do caráter pessoal e do valor profissional.

No ano de 2016, o Programa de Pós-graduação em Fitossanidade completou quarenta anos, festejado por meio de solenidades comemorativas. Infelizmente, não pude comparecer por estar fora do país, mas me fiz representar por uma mensagem lida para a grande platéia, em meio às comemorações. Como reconhecimento, a organização do evento me ofertou uma placa, com os seguintes dizeres:

*Ao Prof. Dr. Romero Marinho de Moura*

*Pela sua contribuição no engrandecimento da Universidade Federal Rural de Pernambuco, concebendo e fundando o Curso de Mestrado em Fitossanidade, célula mater dos Programas de pós-graduação em Fitopatologia e Entomologia Agrícola.*

*Graças à sua dedicação ao ensino, à pesquisa e a Pós-graduação, foi, também, o criador do Curso de Doutorado em Fitopatologia, abrindo caminho para o desenvolvimento e consolidação dos programas hoje existentes na Área de Fitossanidade.*

*Recife, 10 de novembro de 2016.*